

Cinema



Werner Herzog em Lisboa

“Aguirre”, uma ponta do círculo

FOI A estreia de Aguirre — que a versão portuguesa despromoveu de «flagelo de Deus» para «aventureiro» — no Sateélite. Patrocinado pelo Instituto Alemão a quem se deve, valha a verdade, uma das mais esclarecidas políticas culturais de que actualmente temos notícia entre nós, conta com a presença de Werner Herzog, o realizador.

O público que, dentro da sala, tímido da projecção, se afastou intimidado, não correspondendo ao convite de Curt Mayer-Clason para que dialogasse com o autor, fê-lo cá fora, no corredor, como quem não queria a coisa. Ainda com a lembrança da frustração que aqueceu o tipo de diálogo bem-intencionado sempre deixa, perguntá-lhe, a começar a nossa conversa, se tinha gostado daquela troca de impressões. Que não muito, que, se pudesse, não falava. «Mas como isto faz parte de fazer filmes e a minha vida é fazer filmes (não sei fazer mais nada), acabo por gostar». Por isso ali estávamos. Porque Herzog decidiu que era preciso aturar com bom espírito gente como eu.

colaborar no meu primeiro filme grande.»

Acelerar o ritmo

São um grupo, fazer aqueles filmes é um modo de vida.

— «Na verdade, eu não tenho a vida privada. Toda a minha vida é pôr em obra aquilo que tenho na cabeça, que sei que quero fazer. Tenho de acelerar constantemente o ritmo porque não consigo dar razão ao que me vai cá dentro.»

Um grupo que assume os mesmos riscos, as mesmas dificuldades.

— «De uma vez, foi nos Camarões. Tornaram-nos por uns perigosos mercenários procurados pela Polícia e prenderam-nos. Numa cela de meia dúzia de metros quadrados em que mal se respirava.» Mostrou-nos umas cicatrizes a lembrar-lhe esses dias.

— «De outra vez foi a história do roubo dos macacos. Pedi aos índios da equipa que fossem à selva apanhar macacos. Trouxeram-me quatrocentos, que metemos numa jaula. No dia das filmagens, vou por eles e tinham desaparecido: revendidos pelos índios a um americano que os tinha já embarcado para um jardim zoológico. Arranquei num barco a motor até à cidade, daí num jeep da polícia, que encontramos, até ao aeroporto, atravessámos a pista a apitar e apresentámos-nos no avião dizendo que éramos autoridades sanitárias e exigimos ver os papéis de vacinação dos bichos. Discussão daqui, discussão dali, acabaram por desembarcar os macacos para uma camioneta para onde saltámos e fugimos. São os que se vêem na última sequência de Aguirre.»

«E com o actor-Aguirre também passei um mau bocado. A certa altura recusou-se a trabalhar se eu não lhe pagasse. Tive de filmar algumas partes com a máquina numa mão e a pistola na outra.»

Golpes de azar e golpes de génio

Com os índios — que ele foi buscar a uma cooperativa-piçato no Peru — também houve os

seus problemas. Tem o ritmo diferente. Mas com os «colóquios matinais» que Herzog iniciou, em que lhes explicava na língua deles o que ia ser o dia, aquilo encarteirou.

O lado material teve igualmente os seus golpes de azar e os seus golpes de génio. A cheia que aparece no filme aconteceu mesmo. De noite, desapareceu o acampamento e tiveram de viver fluante, no abaixo. Rio abaixo ia também o almoço de toda a equipa: ideia de Herzog. Quando chegavam ao local onde iriam comer, comunicavam por «walky-talky» com os seis vizinhos que enviavam, por via aquática, as rações prontamente preparadas.

Os meus filmes são um círculo

Mesmo sem conhecer os outros filmes, vendo Aguirre pressentia-se uma obsessão de certos temas que imaginamos deverão estar presentes em outros filmes seus.

— «Sim, não sei se poderei explicar isso — porque eu não faço os meus filmes com a cabeça, faço-os com os joelhos, os braços, o peito — mas de facto reconheço a permanência de certos temas: os círculos, a água, os animais e sempre um certo tipo de personagem solitário que desafia tudo e todos. Aguirre é muito próximo do Stroszek de *Sinais de Vida*. Eu não lhe dou razão, como se vê pelo fim, mas confesso o meu fascínio por Aguirre. Os meus filmes são sempre um círculo, uma não-saida, um grito.»

Mas de filme para filme não haverá uma abertura no círculo, perguntámos, um caminhar ou

um bretever uma vida.

— «Creio que «Terra de Silêncio e de Escuridão» é a minha única obra onde há esperança. Já fiz Aguirre depois desse.»

Um filme tão cheio de referências sociais e políticas como Aguirre parece corresponder a uma ideia. Herzog insiste que não tem ideias.

— «Um filme surge-me assim todo inteiro à minha frente. Sei que é aquilo que quero fazer e mais nada. As vezes, depois, tento explicá-lo.»

Sobretudo quando o obrigam.

Mas só quem tiver acompanhado no decorrer desta semana a exibição dos seus filmes no Instituto Alemão é que pode avaliar como tudo o que atrás ficou escrito é quase nada.

O que Werner Herzog é, está naquele seu modo de levar os nossos olhos a tocar as mãos, as bocas, a voz, os ruídos que nos mostra. Com insistência? a insistência da própria realidade.

HELENA VAZ DA SILVA

Exibidos no Instituto Alemão: «Terra do Silêncio e da Escuridão», «Fata Morgana», «Também os Anões Começaram por Baixo» e «Sinais de Vida».



Produtor, argumentista, realizador e mais

Desde os 14 anos que ele sabia exactamente o filme que queria fazer. Levou vários anos a ver abrirem-se as portas às suas propostas escritas de argumentos e a ver as mesmas fecharem-se quando ele se apresentava, recém-saído dos calções. Ai desistiu e pôs-se a trabalhar à noite, enquanto, de dia, fazia o liceu. Em dois anos ganhou o custo de produção do seu primeiro filme: *Herakles*. Nunca mais deixou de se auto-produzir, nem concebe outra maneira de fazer filmes. Escreve os argumentos, trata de todo o aspecto organizativo (que, no seu caso particular, com filmagens no Saharã e expedições às montanhas do Peru, não é de pouca monta), dirige não só as filmagens mas — quase — as almas dos actores e dos técnicos.

— «Para conseguir os filmes que quero, fui formando aqueles que trabalham comigo. O operador de Aguirre, por exemplo,

Quinzenal
mação
mica

número
à venda
o país.
idos
aturas:
anúncio
g. 14.

DES
LMEIDA, S.A.R.L.
ra-o na
ticampo

a aproximam-se.
meida, S.A.R.L. tem à sua disposição na Nauticampo
dos tipos de barcos de recreio
nais motores EVINRUDE E

EIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
Março
s 16 às 23 horas
das 15 às 23 horas

DE ALMEIDA, S.A.R.L.



FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

Alegre, cruel, louco, anti-conformista,
comovente
e livre...



Grande Prémio do Juri - Festival de Cannes 1973
Candidato ao Oscar melhor filme estrangeiro 1974

Michel Robin - Jean-Luc Bideau - Corinne Coderey

“uma festa fabulosa”!

2ª SEMANA no LONDRES